

CINEMATECA POORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
ANTE-ESTREIAS  
21 de Maio de 2024

Com a presença dos realizadores

## UNDISCLOSED RECIPIENTS / 2015

um filme de Sandro Aguilar

**Realização:** Sandro Aguilar / **Fotografia:** Rui Xavier / **Montagem:** Sandro Aguilar / **Som:** Rita Gradim.

**Produção:** Mário Micaelo para Curtas Vila do Conde / **Cópia:** DCP, cor, 25 minutos.

---

Para quem assenta grande parte do seu trabalho na tensão intrínseca do inanimado, escolher como porto de partida para este novo filme a fervilhante energia de um festival de música de verão, só pode representar uma profunda vontade de reformulação de processos. De certa maneira, sinto que devemos aproveitar encomendas desta natureza para ensaiar outras aproximações ao nosso próprio universo, fazer algo de pessoal a partir de uma premissa que nos é exterior, num contexto que nos possa ser inclusivamente hostil. Armadilha com os seus perigos mas também (e sobretudo) com os seus desafios específicos. Interessou-me antes de mais observar por uma vez os jovens, aqui num certo estado físico e mental, misto muito sugestivo de alheamento e alerta. Estabeleci ao longo do percurso algumas regras de princípio baseadas provavelmente no meu próprio pudor, segundo as quais, por exemplo, não estaria ali para reproduzir os excessos ou as ressacas, o palco ou as bandas (todas as marcas que circunscrevessem de forma demasiado unívoca o contexto daquela reunião) e tendencialmente seguiria os corpos anónimos, fascinados pela luz, a água, o sol, o vento. Não por acaso muito do que aqui se passa adquire uma evidente dimensão ritual, na qual o tempo do mundo quotidiano se suspende e os estímulos são convidados a tomar conta do jogo. Cedo percebemos que, para nos aproximarmos do espírito do que se retrata, teríamos de suspender qualquer tentação de organizar semanticamente este material (sob pena de veicular uma vez mais um discurso demasiado redutor, seja ele celebratório ou crítico acerca do lugar da nossa juventude), e que também o filme, na sua organização, deveria manter um carácter de fruição, sabotando continuamente a construção destes sentidos automáticos e viciosos. "Undisclosed Recipients" é um termo que designa um destinatário não identificado, aquele que fisicamente não se vê, ou não se dá a ver ou projeta-se num olhar para um espaço off não revelado, aquele que suspende o seu olhar – o discurso e sujeito, indecifráveis e cegos. Todas estas omissões e transferências deixam campo e contracampo em aberto para um frutuoso intervalo entre (sucessivamente) a realidade, a percepção e o entendimento, entre o estímulo e a sua síntese, princípios fundadores da própria linguagem cinematográfica.

Sandro Aguilar

(texto escrito para a sessão "Projecto Campus" em Abril de 2016)

# ANOMALIAS / 2023

um filme de Rita Quelhas

**Interpretação:** Ana Afonso Lourenço, Andreia Miguel, Gaya de Medeiros, Joãozinho da Costa, Mafalda Ferreira, Paulo Azevedo, Valter Fernandes e Victor Hugo Pontes

**Realização:** Rita Quelhas / **A partir de um espectáculo de:** Victor Hugo Pontes / **Produção:** Mafalda Teles / **Direcção de Fotografia:** Rita Quelhas / **Direcção de Fotografia em estúdio:** Rosa Vale Cardoso / **Segunda Câmara:** Maria Bicker, Tomás Vieira / **Captação de Som:** Bernardo Theriaga / **Pós-Produção de Som:** Inês Adriana / **Montagem:** Rita Quelhas, Raul Domingues / **Correcção de Cor:** Tomás Vieira / **Cópia:** dcp, cor, com legendas em inglês, 47 minutos.

---

*Dürer acreditava que o nu ideal deveria ser construído extraindo o rosto a um corpo, o peito a outro, as pernas a um terceiro, os ombros a um quarto, as mãos a um quinto e por aí fora. O resultado glorificaria o Homem.*

- John Berger, *Modos de Ver*

Tudo começou com um convite. O Victor Hugo Pontes encontrou-me numas escadas do Teatro Campo Alegre e respondeu à minha provocação. "Da próxima que estiveres a ensaiar, deixa-me ir lá só ficar a ver!". "E se aproveitasses e fosses filmar?".

Este é um filme que não partiu duma vontade obstinada da realizadora mas antes da proposta em modo carta branca de outro artista. Um romance inesperado.

Com a vontade de quem adora ver dança mas de que dela nada percebe — apesar de sempre ter gostado da frase da Gillian Wearing que diz que "um bom montador é um bom bailarino" — entreguei-me à tarefa. Compor um corpo de bailado com corpos não-normativos que desafiam a própria noção de uniformidade inerente ao ballet clássico, era a proposta do espectáculo do Victor Hugo. Observar estes corpos e pessoas por tempo suficiente até começarmos a questionar o conceito de "normal", era a minha.

Alguns posts-its colados no armário do meu escritório onde montei o filme:

Tempo/contra-tempo

Normal/anormal

RITMOS

Como cinéfila, o meu caminho foi através de pedras que já conheço — li e revi Cronenberg e a visceralidade dos seus corpos biónicos e cobertos de desejo; Van der Keuken e as suas crianças cegas, desafiantes e poéticas no seu realismo; o Doutor Frankenstein, que tenta criar um novo corpo sobre-humano, uma provocação à noção de "monstro" que, como o filme do Erice nos mostrou, é o nosso melhor amigo; Michael Powell com os seus sonhos em technicolor e a sua perversão de mirone em "Peeping Tom". A história do cinema que fui vendo nesta casa e na pequena televisão de caixote cinzenta em casa dos meus pais povoou o meu imaginário enquanto tentava encontrar a forma de ligar todas as peças do puzzle.

"Anomalias" é um filme todo ele sobre estes corpos, estes corpos e estas pessoas pelas quais muito claramente me enamorei. E sobre o modo de as olhar e a condição de mirone a que qualquer cinéfilo

se vê relegado, aqui com o objecto do seu desejo constantemente a desafiá-lo a olhar, sem vergonha e demoradamente.

Iminentemente ligado ao “modo de ver” estes corpos, “Anomalias” questiona a posição a que estes bailarinos se encontram tão frequentemente presos enquanto objectos da observação, com os olhares de pena, choque ou curiosidade que os cruzam diariamente. E, de sua volta, entra nesse jogo do sério, provocando o espectador, enquanto o seu olhar fica preso a estes corpos magníficos, sem possibilidade de fuga.

E o próprio título — “Anomalias” — que cada um deles desafia e questiona de frente ao longo do filme. À medida que vamos avançando apercebemo-nos que ser uma “anomalia” pode ser apenas ser mais baixa num grupo de bailarinas muito altas e que existirá sempre um contexto onde qualquer um de nós será ou foi, um dia, uma anomalia. “Havia uma música que eu adorava, ‘Normal Girl’. Hoje em dia, sinceramente, já não quero ser uma garota normal.”, numa das frases do filme que mais adoro.

A sorte quis que este filme passasse com outro que vi em 2015 na Cinemateca Portuguesa, “Undisclosed Recipients” de Sandro Aguilar. Dois filmes que pegam num desafio lançado por outra pessoa/entidade e o abraçam à sua maneira. A pergunta impõe-se — Como é que se agarra um filme que é proposto por outro? Creio que tanto eu, como o Sandro, com este desafio, nos agarrámos não à manifestação artística em si — no meu caso o espectáculo do Victor Hugo, no caso do Sandro os concertos do Festival Paredes de Coura — mas às pessoas que o compõem, aos seus corpos e gestos e à *sensação* de estar ali tão perto com aquelas pessoas.

Num deslumbramento e numa sedução entre câmara e corpos, os filmes procuram recuperar o lado sensorial daquele momento e o relacionamento especial que se partilha entre observador e observado. Uma experimentação a partir de tudo o que a montagem e o som podem em ligação com os corpos que se filmam.

*O discurso amoroso é hoje de uma extrema solidão. Este discurso é talvez falado por milhares de pessoas (quem sabe?), mas não é defendido por ninguém. Está completamente banido das linguagens circundantes: ignorado, desacreditado ou ridicularizado por elas, cortado não somente do poder, mas também dos seus mecanismos.*

- Roland Barthes, *Fragmentos de um Discurso Amoroso*

Reclamar de volta este discurso amoroso que Barthes dizia que estava sozinho, anulado e esquecido. E questionar como é que olhamos para estes corpos diferentes e desafiantes. “A Fotografia pertence a essa classe de objectos folhados cujas duas folhas não podem ser separadas sem destruí-los: a vidraça e a paisagem, e porque não; o Bem e o Mal, o desejo e o seu objecto”. O observador e o observado. Como nós, que enquanto cinéfilos, somos sempre uma peça neste jogo pervertido de observação, curiosidade e fascínio, aprisionando o objecto do nosso olhar para ele se tornar nosso.

Por fim, só faz sentido terminar esta folha como uma espécie de carta de amor a este sítio, a Cinemateca, onde passei muitos dias da minha adolescência que me levaram, de uma forma ou outra, até este filme.

Esta casa a onde posso sempre retornar (não é por acaso que a música que nos chama a todos na sala M. Félix Ribeiro é a de “O Feiticeiro de Oz”). Onde, passados anos em que a regularidade semanal com que a visito reduziu drasticamente — por causa da falta de tempo, dispersão, desmotivação, o que for — sei que posso regressar. Quando voltei aqui recentemente por causa de um filme em que trabalhei, o Luís da bilheteira, que durante tantos anos me recebeu com um sorriso, perguntou “Como está?”, como se eu nunca tivesse saído.

Não consigo explicar o pânico que me assaltou quando me disseram que tinha de escrever uma folha da Cinemateca (e pior ainda, sobre o meu filme). Aquelas folhas que eu respeitava tanto, guardava desde os meus 15 anos num dossier em casa dos meus pais e lia a caminho de casa, no metro, sozinha, quando ainda levava o filme comigo já fora da sala.

Numa das mais longas folhas que guardo, e também a mais rabiscada por mim, de 9 de Março de 2013 quando tinha eu 18 anos, lê-se nas palavras de João Bénard da Costa sobre o maravilhoso filme "La Nuit du Carrefour" de Jean Renoir:

"La Nuit do Carrefour parece-me, mesmo, cada vez mais, o filme ideal (teste supremo) para a discussão entre modernidade e classicismo no cinema. ... Nenhum "clássico", nenhum "post-moderno" poderá amar este filme, digo-o provocatoriamente. Por mais que mentalmente invoque o santo nome de Renoir, tropeçará em tudo: no som "pior que num filme português"; na representação amadora de quase todos os actores...; na montagem "à mil diabos" (e com mil diabos); nas incongruências do argumento (falem-lhe ou não várias bobines); nos diálogos a puxar ou para o muito realismo, ou para o artificialismo total. ... Quem quiser buscar "acabado", "perfeitinho", vá ver outro filme, que se enganou na porta."

E depois, com um grande ponto de exclamação feito a lápis pela minha mão:

"Mas quem entender o cinema — ou também entender o cinema — como meio e forma de tudo experimentar, de tudo subverter (incluindo todas as regras da gramática) e como espaço livre para a mais total liberdade, terá a surpresa da sua vida logo no genérico e só acaba no fim."

Se em 1932 Renoir conseguia tudo isto, o que é então esta coisa de fazer um filme nos dias de hoje?

Ao escrever esta folha apercebo-me que este filme, estando muito distante daqueles que me formaram e vi na Cinemateca, é uma resposta, ou antes, a procura duma resposta à pergunta — como é que eu vou fazer um filme hoje em dia?

A linguagem do filme é uma mistura de ganas de experimentar mas sem ter bem certezas sobre por onde ir. Entre o filme "institucional" e o filme de autor, entre o experimental e o cinema vérité, entre a música gritante e os silêncios das respirações, entre os efeitos visuais "txanam" e a imagem directa e sem filtros dos ensaios, entre o cinema e a dança. É uma contradição em si que, através da sua forma, procura perguntar simultaneamente "O que é o normal?" e "O que é fazer cinema hoje em dia?". "Anomalias" é, no fundo, uma procura. Uma procura que espero que vos traga também algumas respostas mas, acima de tudo, perguntas.

Rita Quelhas

Texto escrito ao abrigo do antigo Acordo Ortográfico.